

ENTREVISTA COM A PROFESSORA CONCEIÇÃO MUNIZ

*Raquel dos Santos Duque¹**Henrique Rodrigues Moreira²*

Quando começamos a planejar o primeiro número da Revista Discente Planície Científica e a elaborar as seções e os formatos de trabalho que receberíamos, ocorreu-nos a ideia de que precisávamos ter, também, uma seção dedicada a entrevistas, dado o fato de que o diálogo, a troca de experiências e a aproximação que elas permitem entre pesquisadores (as) e o público leitor são enriquecedoras.

Tendo em mente o nosso propósito de fomentar e divulgar a produção e as atividades que partem do interior, e desta planície, não poderíamos ter como entrevista inaugural outro trabalho senão aquele que brindasse uma personalidade deste lugar.

Foi então que nos surgiu o nome da professora Conceição Muniz, 88 anos, uma pessoa memorável e respeitada dentro e fora da Instituição, uma história com a cidade de Campos, que acolhe este editorial, e cuja história de vida encontra a história do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional – desde sua origem, quando ainda sob o nome de Escola de Serviço Social de Campos dos Goytacazes-RJ.

A fotografia³ ao lado é bastante especial, pois registra a presença da professora Conceição Muniz nas comemorações dos 55 anos do curso de Serviço Social.



Esta entrevista foi realizada no dia 10 de dezembro de 2018, quando a professora Conceição Muniz recebeu, gentilmente, estes dois jovens estudantes que saíram de lá encantados com sua história e com sua fala doce, de voz firme, repleta de experiências para contar. Muito bem humorada, a professora nos concedeu uma entrevista num tom bastante acolhedor e descontraído, arrancando-nos, em diversos momentos, um sorriso.

Gerações e mais gerações de pesquisadores e pesquisadoras puderam ser formadas graças ao trabalho e à luta de pessoas dedicadas como a Prof.^a Conceição. Que esta entrevista seja um registro histórico e que sirva às gerações futuras.

¹ Licenciada e Bacharelada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense/ESR

² Licenciando em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense/ESR

³ Foto retirada das redes sociais, publicada por Helton Souza.

Entrevistadores - *Professora, gostaríamos de começar, lógico, pela tua trajetória de vida, acadêmica e o porquê de ter escolhido o Serviço Social.*

❖ **CONCEIÇÃO MUNIZ** - *Bom, minha história de vida... como eu disse a vocês, eu nasci em 1930, cheguei com Getúlio. Nasci em Campos, sou campista, e a descoberta pelo Serviço Social foi através de um programa de rádio, há muito tempo que nem me lembro mais o nome. Era um programa de uma assistente social que se chamava “Construtores Anônimos”. E as experiências que ela contava, aquilo me agradou. Eu fiquei interessada. Eu era professora primária, estudei no Liceu e o meu curso normal eu também estudei no Liceu; terminei o normal em 1949, e comecei o meu primeiro trabalho acompanhando crianças em colégios particulares, como orientadora. Depois nasceu o SESI (O Serviço Social da Indústria) aqui em Campos.*

O SESI foi uma coisa muito grande que chegou, construído lá em Guarus para ser um centro social, com todos os recursos e todas as dimensões, e eu estava terminando o normal. Uma amiga minha, e da família propôs que eu fosse trabalhar no SESI como professora do jardim de infância; e lá eu comecei a ter contato com o Serviço Social. Porque a implantação do Serviço Social em Campos foi no SESI. Só que não havia Serviço Social em Campos, e a única que implantou o Serviço Social foi Heloísa⁴, de quem vocês também devem ter ouvido falar e muito, não é? E ela foi quem idealizou e queria trazer o Serviço Social para Campos.

Então comecei a trabalhar no jardim da infância, mas sob a supervisão de Heloísa. Era um centro social grande o SESI. Tinha esporte, tinha serviço social, tinha educação e ambulatório médico e dentário. Eu agora não tenho mais contato com o SESI e não sei se ainda é isso tudo. Mas era, assim, uma descoberta em Campos. E esse contato que eu tive com o trabalho social me interessou. E Heloísa, que era assistente social, foi quem dirigiu o centro social, o SESI. Mas ela logo se casou, ficou alguns anos trabalhando e logo se casou, e deixou o SESI. Nessa ocasião, Dona

⁴ Heloísa Monteiro Paixão foi umas principais pessoas envolvidas na construção do curso e da Escola de Serviço Social de Campos, tendo articulado todo o processo de implementação

Violeta Saldanha da Gama, que era diretora regional do SESI lá em Niterói, era diretora da Escola de Serviço Social do Estado do Rio. E uma das preocupações dela era que muitas pessoas, muitos jovens, iam estudar Serviço Social em Niterói, e ninguém voltava para suas origens no interior – Campos, Itaperuna... o estado do Rio todo. E Dona Violeta tinha essa preocupação de fixar a profissão no interior, trazer para todas essas regiões. E nessa ocasião que eu estava trabalhando no jardim de infância, Dona Violeta ofereceu três vagas a três de nós que quiséssemos ir fazer Serviço Social em Niterói. E aí nós aceitamos. Nem foram só três. Foram seis, eu acho. Fomos para Niterói, fizemos vestibular, começamos tudo de novo. Só que o vestibular daquele tempo não era... agora é o que mesmo?

Entrevistadores – **ENEM...**

- ❖ **CONCEIÇÃO MUNIZ** - ENEM..., mas era Serviço Social em cada entidade. Eu me lembro que tinha até prova oral. Pensei que eu não estivesse nervosa, mas quando eu sentei para fazer uma prova oral de português minha bochecha balançava e eu falava “meu Deus, que vergonha” ... falavam: “olha a bochechinha dela”. Eu mesma me traí.

Mas fomos fazer Serviço Social com esse plano de Dona Violeta de devolver a Campos seis assistentes sociais. Só que ela não devolveu seis, pois só eu voltei. Todas [as outras] continuaram por lá. E aí Heloísa, quando já estava formada, os filhos estavam mais crescidos, ela aceitou essa proposta de Dona Violeta de interiorizar a escola aqui em Campos. E ela me procurou. Eu me lembro que na ocasião eu falei: “olha, Heloísa, eu aceito trabalhar com você. Agora, dirigir escola eu não quero não”. Aí começou a implantação da escola, pré-vestibular, concurso de Serviço Social, e pra surpresa dela, ela se descobriu grávida. Ela ficou apavorada!

O maior medo era dizer a mim. E aí eu falei, “Heloísa, também não é assim. Quando eu falei, eu também não pensei nessa hipótese. Pode ficar tranquila”. Então foi um período que eu fiquei à frente até que ela voltou, reassumiu e nasceu uma grande amizade entre nós. Até hoje estou amiga

das filhas dela. E foi um trabalho assim, bom, entusiasmante porque a gente via os jovens querendo entrar na escola de Serviço Social, fazer o curso, começando tudo do nada...

O doutor Evaldo, que era chefe das Inspetorias Escolares de Ensino aderiu ao projeto de Heloísa, e nos botou numa salinha embaixo da Inspetoria... pequeninha mesmo! E a gente ali, começando tudo com muita dificuldade. Depois dali nós fomos para onde é hoje o Álvaro Alvim até que ela, ainda na luta dela, conseguiu comprar aquele prédio que era a casa do Doutor Luís Sobral, médico famoso de Campos, respeitadíssimo, que ficou até satisfeito porque o prédio era histórico, e a Escola foi fundada e ficou ali.

Entrevistadores - A Senhora mencionou que mesmo antes de atuar na Escola de Serviço Social de Campos já era professora do jardim de infância. Sempre foi um desejo de ser professora?

❖ **CONCEIÇÃO MUNIZ** - *Olha, minha mãe foi professora no primário e eu acho que estava no sangue, no coração, em tudo. Até um dia eu estava dando aula num colégio primário e eu falei assim: “Ai, meu Deus, tem que corrigir aquelas redações”. E a minha mãe falou assim: “E eu tenho tanta curiosidade de saber o que eles escreveram”. E eu respondi: “Então minha vocação não está completa, porque eu não estou com vontade nenhuma de saber o que eles escreveram”. Então, eu tinha um bom contato com as crianças, mas não era a minha profissão, assim, desejada. A circunstância de professor, mesmo no nível superior não era... assim, o trabalho me estimulava, preparar uma aula... mas, quando eu vi que todo mundo estava prestando atenção na minha aula me dava uma angústia, um nervoso, que eu ficava doida pra minha aula acabar.*

Então eu não vi que era minha vocação, tanto que, nós implantamos a Escola, eu trabalhei um período, mas depois que eu fiz concurso pra Previdência Social, naquele tempo eram os grandes institutos – O Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social (IAPAS),

Instituto Nacional De Previdência Social (INPS). Eu fui trabalhar como assistente social, e aí eu me senti mais no meu habitat.

Gostava, gosto, de Serviço Social. No Serviço Social me encontrei, profissionalmente falando. O magistério não era, assim... não é que eu não gostasse, não é que fosse desagradável; eu ficava preocupada de estar sempre alguém. E isso me fez, assim, deixar de lado. Agora, a convivência sempre foi muito boa; uma porção de alunos que eu tenho relacionamento até hoje..., mas eu sempre achei que não era a minha praia.

Entrevistadores - *Qual era o perfil dos estudantes e das estudantes da Escola de Serviço Social?*

❖ **CONCEIÇÃO MUNIZ**- *Olha, era gente nova, e pessoas que também começaram a se descobrir ali, porque ninguém sabia bem o que era o trabalho do assistente social. Esse trabalho que Heloisa fez, prévio, para convocar, para falar... Ela visitou escolas, lugares onde havia gente do segundo grau. Agora, as pessoas foram curiosas, a maioria não sabia o que era. E a primeira turma aderiu mesmo...*

De modo geral, eram pessoas interessadas, que gostavam de estudar... As primeiras turmas foram muito boas, mas era gente que estava em Campos... E naquele tempo não havia curso superior, só Direito. Mas era uma novidade. Ninguém sabia o que era Serviço Social. A primeira turma foi toda feminina. Foi uma turma que impulsionou muito, deu muita fisionomia à profissão, porque a maioria foi trabalhar mesmo, em vários lugares abrindo campo de trabalho. Foi muito boa. Esse pioneirismo de Heloísa foi uma coisa indiscutível.

Entrevistadores - *E como Campos recebeu a criação do curso?*

❖ **CONCEIÇÃO MUNIZ** - *Recebeu bem. Com curiosidade. Nós começamos com uma escola pública, não era particular; os profissionais se formaram, começaram a trabalhar em estabelecimentos da cidade, e alguns ficaram*

até na própria escola, como professores... então a presença foi muito bem recebida. Agora, a profissão tem isso: a gente acaba não sendo muito bem entendido... As pessoas querem dar uma tarefa que não são da sua alçada. E aí isso às vezes complicava. Às vezes você via uma coisa e falava: “mas isso eu não posso fazer, não é tarefa minha”. “Mas e o que você faz, então?”. E aí ficava uma certa desconfiança. Mas com o tempo a gente ia mostrando.

Eu acho, não tenho prova nenhuma, mas eu acho que a profissão agora está vivendo uma fase difícil. Porque há um encontro muito grande da profissão, do trabalho profissional, com a atividade política. Então os políticos, se realmente não tiverem consciência, reivindicam para si tarefas que é o assistente social que tem que fazer. E isso aconteceu comigo, aqui, quando eu cheguei. Havia a favela da Baleeira, e havia um projeto de construção de casas, aí o prefeito aceitou o programa e tal, e eu fui convidada a fazer o levantamento do número de barracos e de famílias, uma pesquisa do que era aquela favela. E eu fui com dois agentes de saúde e começamos a visitar a favela todinha até quando chegou um boato que nós estávamos lá para derrubar a favela. O prefeito que havia nos convidados para fazer o trabalho foi uma noite lá na favela e fez um discurso dizendo: “Se aparecerem intrusos aqui, vocês botem para fora”.

Os ‘intrusos’ erámos nós que não tínhamos nada desses planos. Depois disso os rapazes disseram que não voltariam mais. Já eu pensei: “Eu sou da terra de Benta Pereira, mas nem tanto”. E essa colisão eu acho que acontece.

Entrevistadores - *A senhora acredita que hoje seja maior esse tipo de conflito?*

- ❖ **CONCEIÇÃO MUNIZ** - *Pelo o que eu vejo, leio nos jornais, vejo tanta coisa que seria da nossa alçada assumidas por pessoas que não tem nada para aquilo, não tem sido fácil o trabalho social. Nunca foi, mas acho que agora, do ponto de vista da profissão, do perfil do profissional, da tarefa, acho que está bem difícil.*

Eu me lembro que quando eu cheguei, depois que fiz concurso para o IEPI, estava começando o auxílio natalidade, que era o pagamento que o pai ou a mãe recebe quando do nascimento da criança. E o IEPI era um instituto muito rigoroso. Tudo tinha que ser feito muito bem feito.

Quando eu cheguei, a funcionária que era responsável pela concessão do auxílio natalidade me viu como uma salvação. Porque o auxílio natalidade, para ser concedido, era uma coisa muito séria; e uma fraude era punida com rigor, prisão e tudo mais. E ela estava com certeza de que um caso, um processo que estava com ela, era fraude. Porque ela percebeu que o pai tinha recebido um auxílio natalidade menos de nove meses antes. Aí ela me pediu para ajudar. E eu falei “eu vou, mas não vou denunciar nada não. Não sou fiscal”. E aí dito e feito. A senhora morava dentro da Usina de Sapucaia, e eu tinha um colega no SESI que tinha uma fazendinha lá perto, me levou num trator que, se a condução hoje é ruim, naquela época era péssima. Então eu fui de trator lá, cheguei na casa da senhora e ela disse “eu sabia que isso não ia dar certo. Eu falei com ele”.

Entrevistadores - *A senhora estava comentando que muitas das pessoas que iam para Niterói não retornavam para Campos. Era só uma questão de Serviço Social, ou também era uma dificuldade de outras áreas de produção intelectual aqui de Campos?*

❖ **CONCEIÇÃO MUNIZ** - *Outras áreas também. Mas, por exemplo, a faculdade de medicina, ela começou mais ou menos na mesma época, ou pouco antes do Serviço Social; mas não havia faculdade de medicina aqui.*

O profissional de medicina, quando voltava, ele já tinha tido um certo espaço para ele, pois não havia tantos médicos, e médico é necessário... e o assistente social, não se sabia bem o que ele fazia, a dificuldade era essa. Mas muitas outras profissões, por exemplo, muita gente foi fazer Filosofia no Rio e não voltou. O êxodo era grande. Mas outras profissões desconhecidas na época, como a do Assistente Social, as pessoas acabavam ficando por lá. E também a atração dos grandes centros,

as grandes oportunidades de aprimoramento, fazer mais curso, que a gente aqui não teria.

Então essa atitude de Heloisa foi muito corajosa e muito importante, porque é a partir dela que a UFF se implantou em Campos.

Entrevistadores - *A senhora esteve presente durante essa implementação dos outros cursos?*

- ❖ **CONCEIÇÃO MUNIZ** - *Não, porque aí eu já não estava mais na escola. Quando eu deixei a escola, agora não me lembro em que ano, voltei para o meu trabalho no IEPI e depois no INPS. Quando os outros cursos vieram, eu não estava mais lá. Só acompanhando à distância, torcendo...*

Entrevistadores - *Desde a implementação da escola aqui em Campos, quais eram as principais demandas e quais eram as principais dificuldades para pensar o desenvolvimento de Campos e o desenvolvimento da região?*

- ❖ **CONCEIÇÃO MUNIZ** - *Olha, uma delas é a população tomar conhecimento de certas profissões. Os próprios psicólogos, embora já fossem uma profissão bem mais desenvolvida, aqui não se tinha. Psicólogos, consultórios... aqui não havia. Então foi mesmo uma guinada na cabeça da população.*

E a maior proximidade, porque o que acontecia: só iam fazer curso superior as pessoas que tinham condições financeiras. O rapaz que queria ser médico: se os pais não tivessem condições de mantê-lo – e nem havia essas histórias de bolsa, ensino gratuito – seria uma coisa penosa. O deslocamento era uma coisa dispendiosa. Então a vinda da escola para o interior deu uma nova fisionomia. Deu oportunidade a quem não teria e implantando aqui, se formando aqui, os contatos são daqui. Os problemas, as dificuldades, as possibilidades estão aqui. É uma fisionomia nova que Campos ganhou depois que vieram as escolas superiores.

Entrevistadores - *Em algum momento da sua trajetória a senhora sentiu alguma dificuldade pôr a senhora ser mulher e por ser uma mulher negra?*

- ❖ **CONCEIÇÃO MUNIZ** - *Não. Nenhuma. No meu trabalho, na escola de serviço social, nós trabalhávamos lado a lado, com acolhimento... Na previdência, também. Caminhei, implantei [as coisas] como achava que deveriam ser. Não senti dificuldade não. É claro que a gente sabe que o preconceito, assim, ninguém me atingiu pessoalmente.*

Entrevistadores - *Muitos estudantes e muitas estudantes, hoje, vêm relatando, durante suas pesquisas, seus campos, alguns casos de discriminação racial e, por vezes, violência sexual. Pensando nesse tipo de dificuldade, qual a saída para fazer uma pesquisa, fazer ciência, e tentar diminuir esse tipo de caso?*

- ❖ **CONCEIÇÃO MUNIZ** - *Esses dias eu estive conversando com Marlucci Guimarães, professora de História brilhantíssima aqui de Campos, também, e tem livros publicados, e eu conversei com ela a respeito disso.*

Eu, na minha observação por leituras, de notícias, eu estou achando um retrocesso na área de convivência racial. Eu estou achando que há no Brasil maior apartheid do que antigamente. Não posso dizer para vocês que eu nunca sofri discriminação; claro que sofri. Mas isso não era uma coisa, assim, permitida, uma “boa ação”. Então isso acontecia, como sempre aconteceu, mas era velado. Agora eu estou achando que as relações têm ficado acirradas. Não se pode discriminar, mas sempre houve. Eu não fui tão vítima, mas tenho episódios a contar. Um é aquele famoso caso de os rapazes mexerem com as meninas na rua.

Que eu me lembre de bullying que eu sofri, foi quando eu estudava no Liceu, estava no segundo ano e ia para o terceiro. E eu sempre andava em bando. Eu andava numa porção de colegas. E me lembro que quando eu estava no terceiro ano, veio uma nova colega, acho que do Norte, que era loira e tinha olhos verdes. Aí ela se juntou a esse meu grupinho. Um dia eu saio, passo na casa de um, não estava; passo na casa de outro, não estava.

Até que um colega, um menino, me chamou e disse: “você não está vendo que eles estão te discriminando?”. Eu não percebi. Foi duro, mas se tem uma coisa que eu sei é resistência. Sei superar. A volta por cima eu dou.

E acho que o caminho não está bom. Estou bastante preocupada com o rumo que as coisas estão tomando.

Entrevistadores - ***E o que a senhora acha que pode ter impulsionado esse conflito racial?***

❖ **CONCEIÇÃO MUNIZ** - *Isso é uma coisa que sempre existiu, e acontece. Mas a convivência pode muito bem acontecer sem problema nenhum.*

Porque não é a cor da pele que tira de você a capacidade de saber as coisas, de ser honesto ou não... Agora, por exemplo, com a implantação do novo governo: ontem mesmo eu estava vendo o novo ministério, e uma possibilidade é o Instituto Nacional do Índio ir para o ministério da agricultura, quer dizer... é você entregar o ouro.

Não se sabe que os agricultores vivem ansiosos, de olho nas terras indígenas? Vai entrar numa situação muito difícil. É uma coisa que devemos estar pensando.

E a discriminação é realmente muito desagradável quando existe.

Entrevistadores - ***A senhora estava comentando a respeito da ida da FUNAI para o ministério da agricultura, e o governo também anunciou que o ministério do trabalho deve ser dividido entre vários outros ministérios. O serviço social sempre teve uma atuação muito forte em defesa do trabalh. Como a senhora enxerga essa mudança e os desafios do fim de um ministério que focava só nas questões trabalhistas?***

❖ **CONCEIÇÃO MUNIZ** - *Eu estou preocupada, querendo ver como a coisa vai acontecer.*

O ministério do trabalho é um dos ministérios mais antigos. A CLT, a jornada de trabalho... tudo isso era tarefa do ministério do trabalho. Se ele se dilui, não sei como vai se configurar isso, mas estou preocupada.

O que me preocupa no Brasil e no mundo é a desonestidade. A desonestidade é muito grande.

Entrevistadores - *Agora que a senhora está aposentada, o que tem feito no tempo livre?*

❖ **CONCEIÇÃO MUNIZ** - *Eu estou aposentada e também estou deficiente visual. Então eu estou realmente bem ociosa. Embora eu não esteja 'paradíssima'. Eu sempre tive um círculo de amizade muito grande, e sempre procurei também não estagnar. E isso virou até um refrão na minha vida. Todo dia eu agradeço a Deus: a lucidez e a não depressão. Eu não fiquei com pena de mim, da deficiência visual... E estou lúcida. O problema é que eu não consigo mais ler. Eu tenho 'ledores'. Agora estou com 'umazinha' que terminou o segundo grau. E aí elas leem pra mim, e é bom para elas, porque para elas é um trabalho remunerado. Fora disso eu faço yoga, há 35 anos, faço parte de um grupo de idosos, e convivo com a minha família.*

Entrevistadores - *Professora, Campos teve um ciclo muito forte de desenvolvimento econômico com a cana de açúcar, depois com o petróleo... e ainda assim tem muitos problemas sociais, muita gente pobre, problemas no mercado de trabalho... E, hoje, depois do REUNI, da expansão da universidade, temos mais possibilidades de cursos, de gente de diversas áreas para estudar, fazer pesquisa... então para finalizar, a gente queria que você deixasse um recado para esses estudantes de áreas tão diversas que estão hoje numa atividade intelectual muito forte, pensando a partir de Campos para problemas além de Campos.*

❖ **CONCEIÇÃO MUNIZ** - *Eu sugeriria que, primeiro, cada um se aprofundasse na sua área, que houvesse um intercâmbio entre esses profissionais porque, hoje eu não sei, mas se via muita competição entre áreas; e que se olhe muito para o interesse da cidade de Campos, ou cidades do interior, que a gente procure ver a vocação da cidade, o interesse da cidade, dê um pouco da contribuição do que cada um adquiriu nos seus respectivos cursos. Que contribuam um pouco para o crescimento de suas regiões, suas cidades.*

Porque uma coisa que acontece, agora bem menos, é o êxodo. Vai todo mundo estudar e não volta. Quando volta, volta correndo para ver pai e mãe e não fica, não se fixa. Aí o conhecimento adquirido não retorna como benéfico da região. Que cada um deixe alguma coisa. As cidades que nos acolheram merecem um pouquinho dos nossos saberes.